

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
CURSO DE PEDAGOGIA

Noelle Menezes Amaral

**A MOTIVAÇÃO ESCOLAR E O COTIDIANO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Brasília
2005

Noelle Menezes Amaral

**A MOTIVAÇÃO ESCOLAR E O COTIDIANO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à
Faculdade de Ciências da
Educação – FACE, do Centro
Universitário de Brasília -
UniCEUB, como parte das
exigências para a conclusão
do curso de Pedagogia.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria
Eleusa Montenegro**

Brasília
2005

Dedico essa Monografia aos meus pais, que sempre me incentivaram; as minhas irmãs, ao meu namorado e aos colegas do curso.

A Deus por me conceder saúde e força nesta jornada. À minha família pelo apoio; aos colegas do curso que finda; aos meus mestres; e, principalmente, à vida, pela oportunidade.

Deus é capaz de fazer tudo sozinho, mas ele prefere contar comigo.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo verificar como os professores trabalham em sala de aula de modo a motivar o aluno para o processo ensino-aprendizagem. No Referencial teórico foram abordados os temas: tipos de abordagem sobre a motivação, abordagem ambientalista, abordagem cognitivista, abordagem fenomenológica; problemas de motivação nos alunos; o papel do professor e da escola na motivação do aluno e o impacto da ansiedade no rendimento escolar e na motivação do aluno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, realizada numa escola pública, no Plano Piloto - DF. O instrumento de pesquisa utilizado foi a observação, realizada pela própria pesquisadora em duas 4^{as}. séries do Ensino Fundamental. Para análise e discussão dos dados foram escolhidas as seguintes categorias: incentivo ao estudo e a aprendizagem do aluno; o interesse do aluno pelo estudo e pela aprendizagem; trabalho com materiais diversificados; o conteúdo e sua significância para o aluno; interação professor-aluno; motivação intrínseca x extrínseca. Dentre as conclusões do trabalho, percebeu-se que alguns alunos são motivados pelas professoras, dependendo, portanto de estímulos externo, para estudar e aprender. Normalmente, os alunos estão desmotivados e precisam que a professora incentive-os para realização das tarefas. O professor tem que observar as necessidades de cada aluno, trabalhar a sua auto-estima e procurar incentivá-lo a estudar por vontade própria. Muitas vezes o aluno chega com problemas familiares e isso atrapalha o seu rendimento escolar.

Palavras-chave: Motivação/Educação/Ensino-Aprendizagem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	10
3. OBJETIVOS	11
3.1. OBJETIVO GERAL.....	11
3.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
4. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO	12
5. REFERENCIAL TEÓRICO	13
5.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A MOTIVAÇÃO	13
5.2. TIPOS DE ABORDAGEM SOBRE A MOTIVAÇÃO.....	16
5.2.1. ABORDAGEM AMBIENTALISTA	16
5.2.2. ABORDAGEM COGNITIVISTA	17
5.2.3. ABORGAGEM FENOMENOLÓGICA.....	18
5.2.4. PROBLEMAS DE MOTIVAÇÃO NOS ALUNOS	19
5.2.5. O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO	20
5.2.6. O IMPACTO DA ANSIEDADE NO RENDIMENTO ESCOLAR DO ALUNO	23
6. METODOLOGIA	25
6.1. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	25
6.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	26
6.3. INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	26
6.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	27
6.5. CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	27
6.5.1. ESPECIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS ESCOLHIDAS	27
6.5.2. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	28

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
8. REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	37

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa demonstrar o cotidiano escolar no que se refere à dificuldade do educador em motivar o aluno dentro de sala de aula. Ela pretendeu buscar elementos que pudessem contribuir para a prática ensino-aprendizado.

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância, e através dela é que se faz concreta a prática pedagógica. O professor precisa estar continuamente em interação e comunicação com o aluno; a expressão do cotidiano é determinante e determinada na prática.

É preciso desenvolver uma prática que ofereça ao aluno um cotidiano escolar diversificado; um professor que trabalhe a auto-estima; e que permita ao aluno buscar a sua própria identidade. Ele deve fazer com que a escola seja um lugar prazeroso, dando abertura ao aluno de se expressar, trocar experiências e ter o seu próprio espaço.

O ensinar deve transformar-se em incentivar, instigar, provocar e talvez desafiar.

A motivação acontece quando o professor permite ao aluno criticar, questionar e envolver todos na realidade em que vive. Sabe-se que a sociedade está em profunda mudança e que, com isso, o professor tem que dar conta de conteúdos novos e de novas motivações para os alunos.

A necessária preparação da aula, os diálogos dos alunos e do professor permitem uma reflexão sobre os saberes do professor para alcançar os objetivos didáticos de uma proposta inovadora.

2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Muitos professores estão levando sua formação profissional com descaso e conseqüentemente desmotivando seus alunos. A prática de sala de aula tem que ser um processo que busque respostas e harmonia entre professor e aluno, mas a realidade tem demonstrado ser outra.

Tentando buscar respostas para essa questão, observou-se o cotidiano escolar de uma escola pública durante um tempo onde houve a preocupação em investigar os seguintes aspectos:

Como o professor deve agir em sala de aula, para que o aluno esteja sempre motivado?

O professor utiliza materiais diversificados que despertem interesse dos alunos?

O professor deixa o aluno expor suas idéias e criticar?

Todos esses aspectos são de suma importância para esse estudo, pois é através deles que se obtém algumas respostas que podem auxiliar o professor.

As pesquisas têm demonstrado que na sala de aula o professor, como autoridade, limita ou tenta limitar a movimentação física e a própria fala do aluno. As atividades desenvolvidas são rotineiras e pouco diversificadas; as tensões tendem a aparecer com maior freqüência.

A avaliação é sempre da mesma forma e o aluno não tem outra alternativa para mostrar os conhecimentos adquiridos.

Esses aspectos fazem com que o aluno se sinta desmotivado.

O objetivo desse estudo foi pesquisar o cotidiano escolar no que se refere à motivação, visando obter respostas que possam colaborar com o professor no sentido de melhorar a sua prática pedagógica.

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

Verificar como os professores trabalham em sala de aula de modo a motivar o aluno para o processo ensino-aprendizagem.

3.1.2. Específicos

✓ Analisar as formas de expressão do professor, no seu modo de ser e de agir com o aluno, como fatores de motivação para a aprendizagem.

✓ Observar se o professor trabalha o conteúdo de forma significativa com o aluno.

✓ Verificar se o professor trabalha a motivação com o aluno, de modo a incentivar o aluno a aprender por si só.

✓ Observar como os professores trabalham a interação e a comunicação com os alunos.

✓ Verificar se as escolas/ professor oferecem materiais didáticos que despertem o interesse dos alunos.

4. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

A importância desse estudo é verificar se o professor motiva os seus alunos para a aprendizagem e perceber como ele promove e desenvolve a motivação do aluno, através de sua prática em sala de aula.

Esse estudo pretende oferecer subsídios para o repensar da prática dos professores, promovendo a motivação do aluno, de modo a tornar a vida cotidiana escolar satisfatória.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. Considerações gerais sobre a motivação

A motivação é compreendida como objetivos, hábitos, valores, auto-imagem e necessidade. Para motivar um aluno é preciso satisfazer suas necessidades e estimular no seu aprendiz.

Provavelmente em nenhuma outra área da atividade pedagógica o professor é tão inadequado quanto na de motivação. Alguns estudos, como o de Davis (1985), verificaram que a motivação é o maior problema dos professores de todos os níveis da escola, além disso, uma visita casual a classe tende a revelar que uma, ou várias crianças estão apáticas, e fazem os movimentos de participação nas atividades da aula, mas, na realidade, realizam muito pouco ou nada.

Evidentemente, nem todo material pode tornar-se interessante. Algumas coisas, certamente importantes para o ensino, não têm interesse imediato para os estudantes ou, pelo menos, para todos os estudantes.

O professor não compreende o que interessa a criança, não compreende que talvez o aluno tenha sido levado a formar uma auto-imagem que o leva a rejeitar tudo que se ligue à escola, ou que o trabalho escolar não está ligado as suas necessidades e intenções, nem sabe como modificar a situação. Talvez a falta de competência do professor, nesse campo, decorra de uma superacentuação, durante o período de preparação do professor.

Para motivar as crianças no trabalho escolar, é necessária uma compreensão completa da Psicologia e da Educação, de maneira que o material da sala de aula possa ser ligado aos objetivos e as intenções da criança. Dada a complexidade da criança, dadas às experiências que teve, a auto-imagem que formou e as maneiras satisfatórias para satisfazer suas necessidades que já

descobriu, qualquer generalização a respeito tende a ser uma supersimplificação.(GEORGE, p.259).

Embora se apresentem dúvidas a respeito, geralmente se admite que a aprendizagem pelo menos na situação usual-não pode ocorrer sem motivação, e que, além disso, a eficiência da aprendizagem está em proporção direta com a motivação do indivíduo (pelo menos até o ponto em que a motivação demasiadamente intensa não causa uma perturbação no processo de aprendizagem).

As crianças gostam de trabalhar através de desafios, a fim de conseguir maior competência e, se não foram atingidas severamente por fracassos anteriores, pode-se confiar nelas para um avanço próprio com um mínimo de estimulação do professor.

Para ser eficiente, o currículo precisa, não apenas ligar-se às necessidades da criança, mas tornar-se suficientemente dinâmico, de forma a poder enfrentar a competição de outras atividades que pedem a atenção da criança.

Como o comportamento se dirige para objetivos, é necessário que o conteúdo se torne significativo para as intenções da criança e que, além disso, ela perceba quais os seus objetivos, como satisfazem as suas intenções, como obtê-los e como avaliar o progresso na sua direção.

O estímulo às crianças, a fim de que usem suas potencialidades para o máximo de auto-realização, é a tarefa mais importante do professor, pois, em última análise, ele é a chave para a motivação das crianças em sala de aula. É importante, portanto, que o professor não apenas compreenda as crianças e as maneiras de motivá-las, mas também que represente o tipo de pessoa que elas possam aceitar e por quem possam ser inspiradas.

O professor é um profissional como outro qualquer (do ponto de vista meramente trabalhista), mas tem uma função, uma “missão” que é o seu diferencial: ele exerce grande influência sobre a formação da personalidade e caráter de seus alunos. Seu modo de lidar com ele, de interagir com a turma durante as aulas vai transmiti-lhes muito mais do que o simples conteúdo das disciplinas e pode deixar marcas para o resto de suas vidas.(FREIRE, 2002).

Muitos professores utilizam a punição e o medo ao castigo como o principal, senão o único, recurso de motivação. Isso é um erro, se consideram as limitações e os perigos de tal recurso. A punição tende a provocar ressentimento e antagonismo, e estes destroem as relações aluno-professor, até o ponto em que o professor já não tem a confiança do aluno e, como se sabe, esta é necessária para o crescimento da criança. De acordo com Atkinson;

A motivação para o alcance é uma das dimensões evidenciadas pela prática totalizada dos modelos existentes nesse âmbito, dimensão que implica uma orientação da atividade da pessoa com o objetivo fundamental de experimentar a satisfação que o sucesso e a valorização positiva da própria competência proporcionam, seja por parte dos outros, seja por parte de si mesmo, que habitualmente está associada ao sucesso.

Quanto à relação entre professor e aluno Piletti afirma:

Deve ser uma relação dinâmica, como toda e qualquer relação entre seres humanos. Na sala de aula, os alunos não deixam de ser pessoas para transforma-se em coisas, em objetos, que o professor pode manipular, jogar de um lado para o outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não entende como um fichário ou gaveta. O aluno é capaz de pensar, de refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. O aluno é gente, é ser humano, assim como o professor.

Uma bem sucedida tarefa de ensinar requer, além do conhecimento, um certo carisma, um jeito, um dom, uma certa habilidade para lidar com o alunado: o jeito de ensinar, de exigir desperta o interesse do aluno e pode determinar o sucesso (HAGAR, 1997).

Segundo Vigotsky, o professor deve ser democrático, procurar concentrar toda a atenção sobre as atitudes e interesses dos alunos, que não são tratados

como simples receptores de informações e conhecimentos, mas sim, como colaboradores.

Segundo Piaget, concebe a importância de manter a turma motivada para obter sucesso no processo de aprendizagem dos alunos, por isso, faz uso de todos os recursos disponíveis para motivá-los. Morgana afirma sobre o ensino;

O ensino deveria ser mais sistematizado, mais atrativo para o aluno. Atividades prazerosa e interessante: orientaria e estimularia a aquisição de conhecimentos mesmo fora da escola: estimularia a curiosidade do aluno, de forma que ele relacionasse o que sabe com o que estaria aprendendo: verificaria e mostraria a aplicação desse conhecimento no dia-a-dia do aluno. O professor tornaria o aluno participante, questionador e capaz de interpretar o mundo por meio do conhecimento sistematizado, o que o transformaria em um elemento motivado.

5.2. Tipos de abordagem sobre a motivação

5.2.1. Abordagem ambientalista

Para os teóricos do condicionamento, a motivação é extrínseca, ou seja, o comportamento é controlado por estímulos externos. Para os teóricos cognitivistas, a motivação é intrínseca, isto é, a aprendizagem depende muito mais da vontade de aprender e de outros motivos internos do que de incentivos externos.

Uma outra variável relacionada à motivação é a qualidade do reforço. O fato de o reforço ser positivo ou negativo faz com que o aprendiz se aproxime ou se afaste da situação da aprendizagem.

Mager (1986, p.40) fez uma análise exaustiva dos procedimentos usados pelos professores em sala de aula. Entre os procedimentos que provocam uma atitude favorável ao ensino, citados por ele estão.

- Recompensar todas as tentativas dos alunos para aprender a matéria.
- Evitar comentários desfavoráveis caso as respostas dos alunos não sejam corretas; compreender que o erro pode ser instrutivo e deve ser trabalhado de forma a evitar sua repetição no futuro;
- Dosar as quantidades de instrução, permitindo que os alunos tenham sucesso na maioria das tarefas escolares;
- Dar oportunidade para os alunos selecionarem e sequenciarem os assuntos a serem estudados, para que eles se sintam envolvidos na atividade educativa;
- Relacionar as informações novas com as estudadas e dar exemplos que envolvam as experiências que foram ou que possam vir a ser vivenciadas pelos alunos;
- Variar as formas de dar aula, usando atividades como materiais concretos e atividades fora da escola.
- Um outro procedimento que produz fortes reações emocionais é a frustração. - Frustrar é contradizer gratuitamente, enganar fazer com que um esforço seja inútil. - São exemplos de situações que levam a frustração:
 - Apresentar informações muito rapidamente, impossibilitando que elas sejam assimiladas pelos alunos;
 - Escrever na lousa com letra pequena demais ou de forma ilegível;
 - Ensinar uma coisa e testar outra.
- Todos os casos citados desenvolvem nos alunos uma atitude de raiva ou de desinteresse com relação à disciplina estudada. Procedimentos que diminuem o autoconceito ou que expõem o aluno ao ridículo frente à classe também não são recomendados, pois provocam rebeldia e comportamentos de agressão a escola e ao professor. São exemplos de procedimentos que diminuem o autoconceito:
 - Expor o aluno a repetidos insucessos;
 - Fazer comentários negativos sobre o desempenho de um aluno, em voz alta, frente aos colegas.
- O tédio é outra predisposição emocional que também pode ser criada por certos procedimentos empregados pelos professores em sala de aula:
 - Apresentar o conteúdo de forma monótona;
 - Balançar-se ritmicamente enquanto fala;
 - Usar uma linguagem impessoal;
 - Ler livros-texto na classe;
 - Desenvolver os assuntos em doses tão pequenas que não oferecem nenhum desafio aos alunos.
- Para os teóricos do condicionamento, a motivação em sala de aula depende exclusivamente de dois fatores: Como o professor programa o conteúdo e como ele controla o desempenho dos alunos.

5.2.2. A abordagem cognitivista

Os teóricos cognitivistas criticam os teóricos do condicionamento por ignorar a interferência dos propósitos ou objetivos em uma grande parcela do comportamento humano.

Segundo eles, se a motivação se reduzisse apenas a uma programação o conteúdo e a distribuição de reforços, não haveria tantas diferenças individuais

no desempenho do aluno. Estudantes com a mesma idade, a mesma condição física e o mesmo grau de inteligência deveriam obter resultados semelhantes. No entanto, alguns se empenham mais na aprendizagem e obtêm melhores resultados do que outros.

Todos nós possuímos os chamados motivos “intrínsecos” para aprender, motivos que não dependem de recompensas exteriores. A recompensa está em ter resolvido um desafio mental, em ter batido o nosso próprio recorde ou em ter descoberto algo que consideramos útil à comunidade.

O professor que quiser utilizar o desejo de ação e de exploração da criança deverá criar situações para que eles aprendam por meio de vivências, as tarefas devem ser elaboradas de tal modo que possibilitem o progresso. À medida que a criança adquire confiança em sua capacidade, ela começa a perseguir objetivos cada vez mais altos e se sente compensado ao atingi-los.

A motivação subjacente não é mais procurar o progresso, mas evitar o fracasso. Assim, um aluno se recusará a realizar tarefas mais difíceis ou novas com medo de não atingir o padrão exigido. Esse estado de coisas é comumente encontrado nos bloqueios de aprendizagem.

5.2.3. A abordagem fenomenológica

Para os fenomenologistas, a única forma de manter o educando dinâmico no processo educacional é pela motivação intrínseca.

Segundo eles, a criança tem uma tendência natural para desenvolver suas aptidões. O processo de mudança dirige-se basicamente para a auto-realização, para a maturidade e autogoverno.

No sistema tradicional de ensino, a aula e os exames são elementos fundamentais. O professor é possuidor de conhecimento e o aluno o receptor. A criança senta-se abre o caderno e espera o professor, o exame avalia o quanto à criança recebeu. O aluno por sua vez, não confia no professor, ele desconfia de suas intenções, de sua sinceridade, de sua justiça de sua competência. Pode haver admiração, mas a confiança mútua não é comumente observado na relação professor-aluno.

A perspectiva fenomenológica exige do professor a crença no pressuposto “pode-se confiar no aluno”: confiar em seu desejo de aprender, em sua capacidade de auto-avaliar-se, confiar em sua busca espontânea de progresso pessoal. Nesse contexto, o professor não ensina, mas facilita a aprendizagem. Segundo Thorndike em relação ao homem;

O homem é visto como um organismo reativo, motivado por recompensas retiradas do ambiente exterior. A aprendizagem é um ato mecanicista, estímulos e respostas ligam-se através da operação das recompensas, a motivação é determinada por forças diferentes das que o aluno traz para a situação.

Skinner afirma que;

A aprendizagem é mais eficiente quando reforçadores positivos são liberados no momento do comportamento, e o fracasso é o resultado de um programa mal planejado. Isto é, ou as unidades do comportamento são demasiado amplas, ou a seqüência de reforçamento é inadequada para o aluno.

5.2.4. Problemas de motivação nos alunos

A motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade com outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco (NICHOLLS, 1984, p. 13).

Professores de todos os níveis escolares queixam que alguns dos alunos não estão revelando aquela dedicação desejável aos estudos e, ao contrário, apresentam comportamentos de indisciplina. Se não estão rendendo com o esperado, é porque estão desmotivados.

STIPEK (1993) afirma que a medida que as crianças “sobem” de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto a capacidade de aprender matérias.

Professores têm relatado casos de alunos que não cumprem as tarefas, quer se trate de um dever de casa ou de um trabalho em classe, mesmo que valham nota, não respondem as perguntas orais da professora e não participam nos debates ou em trabalhos em grupo.

A apatia frente às tarefas escolares é mais percebidas porque muitos alunos até vão para a escola com muita disposição, mas é com o objetivo de encontrar-se com sua turma, ou para receber a merenda, ou praticar esporte (HOOTSTEIN, 1993, p. 475-476).

5.2.5. O papel do professor e da escola na motivação do aluno

Problemas de motivação somente estão no aluno, no sentido de que ele é o maior portador e o maior prejudicado. Mas isso não significa que ele seja o responsável, muito menos o único, por essa condição. Segundo Ames (1992) quando considera-se a sala de aula há que se distinguir duas funções distintas e complementares a serem cumpridas pelo professor:

A primeira é de caráter remediador, e que consiste na recuperação de alunos desmotivados ou em se reorientar alunos portadores de alguma forma de motivação distorcida, conforme tiverem sido diagnosticados. A segunda função é preventiva e de caráter permanente destinadas a todos os alunos da classe, a cada série, que é implementar e de manter otimizada a motivação para aprender.

Problemas como o tédio pode ser eliminado com as práticas de variação das tarefas e métodos, abrindo-se espaços que propiciem participação ativa de toda a classe.

BROPHY (1983) afirma que, para se aprender os conteúdos os alunos necessitam ser estimulados de forma direta através de procedimentos como o de modelação, comunicação de expectativas e por diversas outras ações que consistem na estruturação dos eventos em classe.

A motivação dos professores para trabalhar, em qualquer condição, depende acentuadamente do nível de sua crença de auto-eficácia, ou seja, da crença de que pode exercer ações destinadas a produzirem certos resultados. Nesse sentido, segundo Peterson:

O professor deve trabalhar para levar os alunos a dispenderem tempo e energia em tarefas que objetivem uma aprendizagem significativa. É tarefa de ensino selecionar estratégias, através das quais se possam socializar os alunos a desenvolverem propósitos, metas, expectativas, crenças e emoções que resultem numa motivação positiva para aprendizagem.

Para levar os estudantes a querer aprender, é necessário o professor criar um clima encorajador da sua iniciativa e auto-expressão e que seja sensível as suas necessidades internas e perspectivas pessoais. De acordo com Ryan sempre:

O estilo do professor em relação ao controle e ao desenvolvimento de atividades de aprendizagem, como sendo essencial na determinação da orientação motivacional dos alunos, as ações do professor em sala de aula, são elementos informativos que definem o comportamento, o envolvimento, as estratégias de pensamento e o grau de esforço esperado dos alunos.

Evidencia que a natureza das tarefas, as avaliações, o sistema de recompensas, a autonomia propiciada, entre outras variáveis, todas sob controle do professor, são particularmente relevantes para a socialização dos alunos no sentido de assumirem algum tipo de orientação motivacional AMES (1992).

Sobre esse aspecto, Brophy enfatiza que é necessário:

Diversificar o planejamento das atividades de aprendizagem também é um aspecto crucial para a motivação dos alunos. A novidade, a mudança do tipo de resposta exigida, a reorganização da sala de aula, seja no aspecto físico ou na disposição dos alunos, potencializam o surgimento de um novo ânimo para o trabalho. Além disso, tarefas rotineiras, com o uso dos mesmos materiais e que requisitem o mesmo padrão de respostas resultam em desempenhos individuais semelhantes, o que facilita a comparação social e fortalece crenças.

Segundo Pitrich, há quatro origens da motivação intrínseca, reveladas por resultados de pesquisa:

Desafio: A percepção de competência é um dos determinantes primários da motivação intrínseca e diretamente relacionada a crença de auto-eficácia, é associada a execução de tarefas valorizadas e desafiadoras. 2. Curiosidade: Situações incongruentes ou surpreendentes despertam a atenção dos alunos pelo fato de estarem em desacordo com suas crenças ou conhecimentos anteriores além disso, incentivam os alunos a buscarem informações necessária para explicação e compreensão. 3. Controle: Perceber-se como sujeito do processo de aprendizagem, saber que os resultados de desempenho dependem de seus esforços, ter a oportunidade de ser ouvido e de fazer escolhas pode facilitar a motivação do estudante para envolver-se em uma atividade. 4. Fantasia: Apresentar aos alunos jogos ou simulações que envolvam a fantasia ou faz- de- conta pode ser muito favorável para a motivação, ao promoverem satisfações vicárias que não ocorreriam facilmente em situações reais.

Para Guthrie (1997), os professores deveriam habilitar os alunos, num clima de respeito e confiança, a fazerem escolhas sobre aspectos importantes para a escola ou sala de aula e a responsabilizarem-se por elas, a tomarem decisões e a se identificarem com as metas assumidas pelo grupo.

Se um professor considera que o fracasso de um aluno deve-se ao fato de que nesse dia ele estava um pouco distraído ou de que a tarefa era complicada demais, então pode intervir para ajudá-lo mais e incentiva-lo para modificar aspectos da tarefa e torná-la manejável.

Essa intervenção converte algo intratável em um desafio interessante, possibilitando não só a aprendizagem, mas a experiência emocional de ter aprendido.

De forma conseqüente, os alunos respondem e adaptam-se diferentemente aos diversos aos diferentes tratamentos educativos a eles destinados, mostrando maior ou menor interesse, atenção, envolvimento, dedicação e esforço nas atividades propostas, e assim podem acabar confirmando as expectativas de seus professores.

Aqueles sobre os quais foram depositadas expectativas positivas e que receberam ajuda, atenção e retroalimentação, provavelmente mostrarão um rendimento elevado. Os alunos dos quais se esperavam pouco êxito, receberam uma ajuda de menor qualidade, também confirmarão as expectativas geradas.

5.2.6. O impacto da ansiedade no rendimento escolar do aluno

A influência da ansiedade no ambiente escolar tem sido estudada por teóricos de variadas perspectivas. Diferentes níveis de ansiedade podem ser vivenciados pelos alunos durante a vida escolar.

A ansiedade dentro de um contexto escolar recebeu maior atenção dos pesquisadores a partir da década de 1950. O estudo da ansiedade escolar envolve predominantemente aspectos relacionados à identificação de: a) das fontes que causam tensão para os alunos; b) dos seus efeitos para a aprendizagem; c) dos alunos mais afetados; d) das formas de tratamento (DUNN, 1976).

Na realidade, a ansiedade pode se manifestar como um sentimento avassalador de medo de tudo que está relacionado ao contexto escolar,

disciplinas, professores, colegas ou situações de avaliação, como provas, exames ou testes (DEMBO, 1994).

De modo geral, a ansiedade é mais freqüentemente encontrada em alunos que estão tendo um desempenho escolar insatisfatório. Experimentar fracassos tende a aumentar a ansiedade, além de contribuir para diminuir a motivação para aprendizagem do aluno.

A ansiedade a provas têm se constituído em foco de preocupação de educadores, visto que ela tende a aumentar com o avançar da escolaridade, gerando um padrão motivacional disfuncional que prejudica sobremaneira o desempenho dos alunos (ECCLES, 1989). Nesse sentido, pode-se ler que:

A ameaça de fracasso, em geral, leva o aluno ao engajamento em comportamentos de evitação, tais como: o estabelecimento de metas irracionais, a procrastinação, entre outros, que por sua vez afetam a efetividade do estudo. Na realidade, a grande maioria dos alunos não sabe e não está preparada para lidar com as situações na escola (SPIELBERGER *apud* Rocha, 1976).

Educadores têm concentrado esforços no sentido de buscar formas de auxiliar os alunos que possuem alta ansiedade, ajudando-os a administrar a ansiedade escolar, de forma que um maior autocontrole da ansiedade favoreça a situação de aprendizagem (TOBIAS, 1985).

As teorias cognitivas da motivação consideram que a motivação para a aprendizagem, as emoções e as expectativas de sucesso e fracasso futuros sofrem influências das crenças do aluno. As atribuições de causalidade são crenças pessoais e dizem respeito a interpretação que o aluno faz sobre as causas de um determinado evento (WEINER, 1979).

Para Weiner (1985), mais importante do que a causa específica na determinação do comportamento são as dimensões da causalidade, pois são elas

que exercem influência sobre a motivação da realização, sobre as expectativas de sucesso e fracassos futuros e sobre as reações emocionais dos alunos.

Toda escola deve exercer a dupla função de propiciar que todos os alunos desenvolvam tanto as reais competências que o mundo moderno exige, como também as crenças de que possuem tais competências, o que lhes confere a força motivacional para aprenderem e continuarem aprendendo e para terem êxito nestes novos tempos.

6. METODOLOGIA

6.1. Orientações metodológicas

A expressão qualitativa assume diferentes significados no campo das Ciências Sociais. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social: trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados e entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 520).

Os estudos de pesquisa são feitos no local de origem dos dados; eles não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica.

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador.

Tendo em vista os objetivos explicitados nos parágrafos anteriores, a presente pesquisa assume caráter qualitativo, buscando traçar, a partir das linhas de diálogo aberto com os professores de escola pública, um panorama acerca de como a questão motivação é focalizada em sala de aula.

6.2. Participantes da pesquisa

O presente trabalho restringiu seu campo de estudo a duas salas de aula de uma instituição escolar da rede pública de ensino que atende crianças provenientes de população de diferentes níveis sócio-econômicos, do Plano Piloto, em Brasília.

A escola oferece Ensino Fundamental, funciona em dois turnos, matutino e vespertino, e as turmas observadas foram de 4^{as} séries.

6.3. Instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa consistiu na observação real feita por esse pesquisador com as salas de aula. Ele se incorporou ao grupo, e pretendeu confundir-se com ele. Ficou próximo do grupo que estudou e participou das atividades normais destes.

Utilizando a observação como unidade de análise foram seguidos durante todo o estudo: os indicadores de linguagem, os comportamentos e atitudes vividos em sala de aula pelo professor e sua prática docente.

Analisou-se as questões implícitas que se traduzem em atos e situação educativa. Na pesquisa deve haver uma sintonia da investigação com os acontecimentos reais do cotidiano.

6.4. Especificação das fases da pesquisa

Normalmente, a pesquisa qualitativa é realizada em seis fases distintas, iniciando-se com a escolha do tema, no projeto de pesquisa, e concluindo com as conclusões finais da Monografia.

Nessa pesquisa, a primeira fase consistiu na escolha do tema e na pesquisa bibliográfica em livros e periódicos. Foi possível, a definição do seguinte tema “A motivação e o cotidiano escolar no Ensino Fundamental”, em março de 2004.

A segunda fase consistiu na elaboração do projeto de pesquisa, no 1º. Semestre de 2004.

A terceira fase consistiu na construção do referencial teórico da monografia, no período de março a abril de 2005.

A quarta fase consistiu na elaboração e aplicação do instrumento de coleta de dados, em abril de 2005.

A quinta fase consistiu na organização, análise e discussão dos dados, no período de abril a maio de 2005.

A sexta e última fase consistiu na construção final da monografia com suas considerações teórico-práticas, no período de maio a junho de 2005.

6.5. Categorias, organização, análise e discussão dos dados

6.5.1. Especificação das categorias escolhidas

Para análise e discussão dos dados foram escolhidas as seguintes categorias:

- ✓ Incentivo ao estudo e a aprendizagem do aluno
- ✓ O interesse do aluno pelo estudo e aprendizagem
- ✓ O entusiasmo e empenho do professor
- ✓ Trabalho com materiais diversificados
- ✓ O conteúdo e sua significância para o aluno
- ✓ Interação professor- aluno
- ✓ Motivação intrínseca x extrínseca

6.5.2. Organização, análise e discussão dos dados

Foram observadas na escola duas classes do período matutino, cada sala foi observada em uma manhã. O foco da observação foi a “motivação” e a preocupação dessa pesquisadora foi analisar os alunos em geral nesse aspecto, objeto desse trabalho.

A primeira turma não se sentiu constrangida com a presença dessa observadora uma vez que já era conhecida da mesma.

A segunda turma também ficou à vontade com a presença dessa observadora, entretanto, a professora dessa turma não teve para com essa acadêmica uma atitude amistosa conforme a da primeira turma, o que pode ter sido causado pela falta de um conhecimento anterior.

Nesse sentido, a fim de que não houvesse um julgamento errôneo dessa professora, optou-se por observar essa turma em mais uma manhã.

A seguir os dados serão analisados e discutidos, nas categorias propostas:

- ✓ Incentivo ao estudo e a aprendizagem do aluno:

“A professora incentiva os alunos a aprenderem e a estudar durante a aula” (turma 1).

“A professora incentiva os alunos a aprenderem, mas a estudarem não foi percebido durante a observação” (turma 2).

De acordo com a observação foi detectada a preocupação das professoras em relação ao incentivar os alunos a estudarem.

Segundo Rogers (1987), quando o aluno pretende aprender e aprende, a experiência vivida lhe oferece uma imagem positiva de si mesmo, e sua auto-estima é reforçada o que, sem dúvida, constitui uma boa bagagem para continuar enfrentando os desafios que se apresentem.

✓ O interesse do aluno pelo estudo e aprendizagem:

“Há uma ligação e compreensão por parte dos alunos nesses dois aspectos” (turma 1).

“Os alunos não percebem a importância do estudar, mas em relação ao aprender são participativos” (turma 2).

Observou-se que a primeira turma compreende mais a importância do estudo: a segunda turma é mais dispersa desses aspectos.

Bruner (1973, p.43) afirma que a aprendizagem real e duradoura ocorre quando os alunos investigam ativamente vários aspectos ligados a diferentes áreas do conhecimento, ampliando cada uma delas e modificando sua compreensão a respeito das mesmas.

✓ O entusiasmo e empenho do professor:

“A professora demonstra muito empenho com a turma ao ensinar e entusiasmo ao explicar” (turma 1).

“A professora demonstra empenho, mas há um certo desânimo por parte dela durante a aula” (turma 2).

É bem visível a diferença do empenho e entusiasmo nas professoras. A professora da primeira turma responde mais a esses aspectos do que a segunda professora.

Em qualquer situação a motivação do aluno esbarra na motivação do professor. E para a motivação de todos os alunos nasce de um senso de compromisso pessoal com a educação, de um entusiasmo e até de uma paixão pelo trabalho (BROPHY, 1987, p. 28).

✓ Trabalho com materiais diversificados:

Durante as aulas a professora procurou trabalhar com materiais diversificados em cada disciplina. Ex: em Matemática usou tabela e na aula de Geografia usou o mapa (turma 1).

“Durante a aula a professora procurou trabalhar com materiais diversificados em todas as disciplinas. Ex: em Matemática usou moedas e na aula de História usou cartazes” (turma 2).

“As professoras percebem a importância de trabalhar com materiais diversificados nas aulas, sendo que cada disciplina tem seus materiais de acordo com as necessidades desses alunos, fazendo com que o aluno trabalhe com o concreto”.

Segundo George (1991, p. 259) afirma que para motivar as crianças no trabalho escolar é necessário que o material da sala de aula possa ser ligado aos objetivos e às intenções da criança.

✓ O conteúdo e sua significância para o aluno:

“A professora falou da importância daquele conteúdo, os seus objetivos e o porquê de estudar aquele assunto, despertando interesse na turma” (turma 1).

“A professora fez com que o conteúdo despertasse o interesse dos alunos, falando da sua importância, tornando-o significativo” (turma 2).

“As professoras fazem com que o conteúdo seja significativo para os alunos, despertando interesse de ambos”.

Segundo Bruner (1973, p. 42) é necessário que o conteúdo se torne significativo para as intenções da criança e que, além disso, ela perceba quais os seus objetivos, como satisfazem as suas intenções, como obtê-los e como avaliar o progresso na sua direção.

✓ Interação professor-aluno:

“A professora buscou interagir com os alunos dando-lhes oportunidade de se expressarem” (turma 1).

“A professora buscou interagir com os alunos dando-lhes oportunidade de se expressarem” (turma 2).

A professora da primeira turma parece ter mais interação com a turma do que a segunda professora. As duas professoras dão oportunidade para os alunos se expressarem.

Sobre esse assunto, Piletti (1987) afirma que deve ser uma relação dinâmica, o aluno é capaz de pensar, discutir e ter opiniões.

✓ Motivação intrínseca x extrínseca:

“Os alunos são motivados pela professora; há um certo desânimo por parte deles. A professora tem que motivá-los a todo instante para realização das tarefas propostas” (turma 1).

“Os alunos em geral são motivados pela professora; há um certo desinteresse por parte deles nas tarefas propostas” (turma 2).

A primeira turma parece mais comprometida com o estudo do que a segunda turma. A segunda turma é mais dispersa e a professora tem que estar mais atenta para o cumprimento das atividades.

Os alunos das duas turmas têm que ser motivados pelas professoras, ainda não tendo a motivação intrínseca.

Alguns estudos de David (1985) verificaram que a motivação é o maior problema dos professores de todos os níveis da escola, tendendo a revelar que uma, ou várias crianças estão apáticas, fazendo os movimentos de participação nas atividades da aula, mas, na realidade, realizam muito pouco ou nada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho foi possível constatar que os professores precisam de maiores iniciativas para ensinar. Professor motivador tem como característica empenho e entusiasmo, mas na prática pedagógica nem todos têm tais aspectos.

Acredita-se que a motivação, tanto do aluno quanto do professor, deve ser intrínseca, ou seja, desenvolvida por si próprio, sem influência do externo.

A maioria dos alunos está desmotivado e leva a aprendizagem com descaso, parecendo não ter o estudo como fator importante na sua vida. Isto seria culpa só do professor? Pensa-se que não. O professor exerce grande influência na aprendizagem do aluno, mas também o aluno muitas vezes não é motivado pela família, para o estudo.

Mas não se pode apenas buscar os culpados, mas é necessário que se levante soluções, com iniciativas partindo de toda a comunidade escolar. O professor tem que observar as necessidades de cada aluno, trabalhar a sua auto-estima e procurar incentivá-lo a estudar por vontade própria.

O aluno deve estar entusiasmado com a escola, com o estudo e a família exerce um papel fundamental na sua vida escolar. Muitas vezes o aluno chega com problemas familiares e isso atrapalha o seu rendimento escolar.

Essa pesquisa foi de suma importância para a vida dessa pesquisadora e acredita-se que se cada educador refletisse um pouco sobre sua prática, e de como mudar essa realidade, haveria mais alunos interessados e motivados a aprender.

Não se estuda porque outras pessoas querem, por obrigação, por falta de opções, e porque se é motivado por outras pessoas. Deve-se estudar porque

gosta, porque é importante para a vida e para o trabalho, porque quer, e para o desenvolvimento e crescimento pessoal e social.

8.REFERÊNCIAS

GONZAGA, Elzimir. **Abolindo mocinhos e bandidos**. O professor, o ensinar e o aprender. Brasília: UnB, 1991.

COLL, César. **Psicologia do Ensino**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

CASTRO, Amélia. **Ensinar a Ensinar**. Didática para a escola Fundamental e Média. São Paulo: ABDR, 2002.

MOULY, George. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Pioneira, 1984.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo**. Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

CÓRIA, Sabini, Maria Aparecida. **Psicologia Aplicada à Educação**. São Paulo: EPU, 1986.

PITTENGER, Owen E. — GOODING, C. Thomas. **Teorias da Aprendizagem na Prática Educacional**. São Paulo: EPU, 1977.

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTÍN, Helena. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

BORUCHOVITCH, Evely. **A motivação do aluno.** Contribuições da Psicologia Contemporânea. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

APÊNDICE